



Mônica Prata e Marco Antônio Facury*

***Mônica Prata.** Empresária. Professora e pesquisadora voluntária da ARACÊ desde 2004.
monicaprata@terra.com.br;

Marco Antônio Facury. Engenheiro Eletrônico, Pós-graduado em Engenharia Clínica. Mestre em Engenharia Elétrica. Pesquisador, Docente e Voluntário da ARACÊ.
marf@docegula.com.br

Palavras-chave

Amparador intrafísico
Assistência
Grupalidade
Posicionamento

Key-words

Assistance
Group experience
Intraphysical helper
Position

Palabras-clave

Asistencia
Amparador
Grupalidad
Intrafísico
Posicionarse

O Posicionamento Assistencial na Atuação em Grupo

The Assistential Position by Group Activity
Posicionarse Asistencialmente en Grupo

Resumo:

Este artigo enfoca a importância do posicionamento assistencial individual repercutindo no posicionamento de um grupo de voluntários da Conscienciologia em Uberaba-MG, Brasil, para a viabilização de próxis grupal. Esta apresentação fundamenta-se nas vivências pessoais dos autores na condição de voluntários naquela cidade, durante o ano de 2005.

Abstract:

This paper focus on the importance of individual assistential posture, reflecting upon the position of a Conscienciology's volunteer group from Uberaba, MG, Brazil, to make viable the group Existential Program. This presentation is based on the authors' personal experiences as volunteers from that city during 2005.

Resumen:

Este artículo enfoca la importancia y la repercusión del acto del individuo posicionarse asistencialmente dentro de un grupo de colaboradores de la Conscienciología en la ciudad de Uberaba, Minas Gerais, Brasil, con objetivo de crear mayor viabilidad en la realización de la proxis grupal. Esta presentación se fundamenta en las vivencias personales de los autores en la condición de colaboradores en aquella ciudad, durante el año de 2005.

INTRODUÇÃO

Objetivo. O objetivo deste estudo é aprofundar a autopesquisa através da avaliação do nível de cosmoética do posicionamento da conscin atuando em equipe, onde suas opiniões individuais muitas vezes não estão alinhadas com as intenções do grupo.

Hipótese. Qual é o nível de cosmoética e assistência da conscin pusilânime atuando em subnível dentro de um grupo? A necessidade e a busca de consenso podem levar a conscin a atuar em "zona de conforto" e de modo pusilânime, para evitar algum conflito que possa desestabilizar o grupo.

Escolha. A falta de posicionamento individual gera maior interpretação entre os componentes do grupo devido à não-priorização (escolha) da postura assistencial esclarecedora. Não ceder às chantagens extrafísicas e assumir posicionamento assistencial dão à conscin a sustentabilidade necessária para levar o grupo a uma crise de crescimento (estresse positivo), permitindo que cada componente decida por assumir ou não seu papel de minipeça dentro do mecanismo assistencial.

Metodologia. Vivências dos autores, autopesquisa, pesquisa bibliográfica e exposição de fatuística.

Teática. A vivência da Conscienciologia na rotina intrafísica diária requer coerência entre o que a conscin pensa, sente, fala e faz. O posicionamento assistencial é um dos indicadores do nível de cosmoética pessoal.

Definição. O *Posicionamento* é o ato, processo ou efeito de a consciência assumir multidimensionalmente suas opiniões, críticas, seus traços conscienciais e suas prioridades evolutivas.

Sinonímia: 1. Atitude cosmoética. 2. Coragem evolutiva. 3. Opinião.

Antonímia: 1. Pusilanimidade; *murismo*; complacência. 2. Autocorrupção. 3. Rigidez; inflexibilidade.

Definição. A *Assistência* é o ato ou efeito de assistir, proteger, amparar, auxiliar.

Etimológica. O termo *assistência* vem do latim *assistentia* (ajuda), originado de *adsistere*. Surgiu em 1551.

Sinonímia: 1. Ajuda; amparo; auxílio; arrimo; cooperação; solidariedade. 2. Intervenção; filantropia. 3. Pronto-socorro. 4. Tares; tacon.

Antonímia: 1. Desajuda; desamparo; desassistência. 2. Abandono; descaso; desinteresse. 3. Egoísmo. 4. Atendimento inadequado; assédio; intrusão. 5. "Pilantropia"; canibalismo.

Definição. O *Grupo* é o conjunto de indivíduos, forma básica de associação humana, unidos por características comuns, com mesmo objetivo ou finalidade.

Etimológica. O termo *grupo* vem do italiano *gruppo* (nó, conjunto, reunião). Surgiu em 1536.

Sinonímia: 1. Conjunto; equipe; associação; *gang*; time; multidão; bando; tropa.

Antonímia: 1. Solitário; único; individual; incógnito. 2. Desunião.

Rigidez. Posicionamento é diferente de radicalismo: baseia-se na certeza íntima. O posicionamento tem relação direta com o ponteiro da bússola consciencial individual. Através de um ponto de vista rígido sobre algo, é fácil a conscin engessar suas atuações.

Inflexibilidade. O posicionamento firme é um trafor, porém, torna-se trafar quando se manifesta ao modo de inflexibilidade. Neste caso, apesar da aparente opinião formada, a conscin revela sua incapacidade de ser flexível. Atua em condição similar a de um paracomatoso evolutivo, vivenciando apenas uma realidade sustentada por falácias lógicas. Ela orbita numa idéia fixa sem avaliar outras variáveis. O posicionamento, nesta condição, é racional, mas não assistencial.

I. DESENVOLVIMENTO

Relatividade. É válido afirmar que, no processo evolutivo e nas inter-relações, do mesmo modo que na Ciência, as verdades são relativas. Diante da certeza absoluta, é importante o desenvolvimento de uma análise crítica isenta, que poderá demonstrar a incoerência da idéia inicial.

Monoideísmo. O monoideísmo tem base egóica. A proéxis policármica nunca é planejada exclusivamente com base no ego. Quando a conscin só enxerga sua própria realidade, coloca-se como centro de tudo, perdendo, assim, o senso de fraternismo e, conseqüentemente, o foco assistencial. Ela pode esconder-se em mecanismos de vitimização, de exclusão ou de sentir-se superior àqueles que estão à sua volta.

Abertismo. Sem abertismo para avaliar outras possibilidades, não há abertura para a conexão com a equipe extrafísica de amparadores e para a percepção dos indicadores das melhores escolhas a serem tomadas. Quando a conscin abre-se para considerar outra possibilidade, ela pode dar início à reversão da situação, integrando-se novamente ao grupo e percebendo que sua parte na proéxis grupal precisa ser realizada. Assim, ela "tira o olho de seu próprio umbigo" e começa a enxergar as assistências que precisam ser feitas.

Reflexão. Até que ponto as certezas absolutas não são patrocinadas e retroalimentadas por guias-cegos e assediadores?

Mentalsoma. Em nível mais avançado de assédio interconsciencial, o foco é o mentalsoma. "O capricho mentalsomático impede a maximização do rendimento intelectual, acarretando perdas evolutivas óbvias para a conscin" (Vieira, 2003; p. 1026). Além disso, um capricho mentalsomático tem a falácia lógica da razão e da certeza absoluta. A falta de abertismo é forte indicador deste tipo de assédio.

Refutação. A discussão sadia permite à conscin refletir sobre as situações somente quando a mesma se dá o “benefício da dúvida”. Quando se defende uma idéia com base egóica, cria-se barreira contra quaisquer heterocríticas. Não há isenção para a análise de argumentos e nem abertismo para se ponderar outros pontos de vista.

Individualismo. Muitas vezes a conscin prefere atuar isoladamente para não precisar abrir mão de suas visões, mesmo que ultrapassadas ou deslocadas. Ou, ainda, procura uma atuação grupal homogênea, onde prevaleça a sua opinião pessoal.

Individualidade. De acordo com o nível de disponibilidade e fraternismo pessoal, ocorrem divergências de opiniões. A individualidade deve ser respeitada: cada um tem seu momento evolutivo e não se deve cobrar posturas além do amadurecimento pessoal.

Questão. Conseguimos respeitar a maturidade individual dentro do contexto grupal?

Gap evolutivo. O *gap* evolutivo existente dentro de um grupo gera incompatibilidade entre as consciências e ausência de postura pessoal aberta à atuação em equipe. O choque entre duas idéias antagônicas gera discordância. Aquilo que para um já foi comprovado por sua experiência pessoal, para outro ainda é teoria, distante de sua realidade. A conscin reage diante de uma situação de acordo com a experiência pessoal adquirida e a vivência do outro soa como teoria imposta. Um exemplo disso é o fato de a interação multidimensional ocorrer de maneira inconsciente para alguns e lúcida para outros. Quem apenas reage a uma intrusão pensênica e não percebe esta interação, pode considerá-la irreal, fruto da imaginação, e não proveniente da parapercepção.

Timing evolutivo. “Os ritmos de aprendizagem e evolução dependem, quase sempre, da saturação de cada nível de experiência anterior. Isso se dá em momentos distintos para cada pessoa envolvida” (Balona, 2003; p. 66).

Grupo. O que é facilidade para um, pode representar dificuldade para outro. A atuação grupal exige que sejam “aparadas as arestas” nos relacionamentos. Isto propicia a união de diversos ingredientes: várias consciências em evolução. O trabalho em equipe requer flexibilidade, respeito e discernimento para se perceber o que cada um tem capacidade de oferecer ao grupo e de que modo o grupo pode colaborar para o crescimento de cada indivíduo.

União. União não significa todos fazerem juntos a mesma coisa, mas sim, o poder de realização pessoal ser otimizado pelo grupo. Uma das razões para que essa sinergia não ocorra é a existência de entraves individuais. A evolução é individual, mas o processo evolutivo é grupal.

O QUE DEVE PREVALECER NA DECISÃO DE UM GRUPO?

Diferenças. Dentro de um grupo há opiniões diversas e posicionamentos individuais diferentes. A heterogeneidade de prioridades pode levar à estagnação ou à improdutividade. Já o meio-termo, a média do grupo, significa “zona de conforto” para a conscin autocorrupta. Torna-se difícil nivelar um grupo cujos representantes têm níveis de disponibilidades diferentes. Com base na cosmoética, há de se respeitar o limite de cada um, desde que isso não seja justificativa para omissões deficitárias.

***SER COSMOÉTICO É TER RESPEITO AOS COLEGAS
EVOLUTIVOS QUE AINDA NÃO VIVENCIARAM DETERMINADO
APRENDIZADO. A DOSE CERTA DE COMPREENSÃO,
SEM EXCEDER NA COMPLACÊNCIA.***

Ponderação. O respeito pela realidade e a necessidade do outro, sem se omitir ou ser conivente com suas autocorruptões, demonstra atitude cosmoética. Por não querer ser conivente, muitas vezes ocorre um erro na dosagem, confundindo-se o que é posicionamento.

Intransigência. A consciin torna-se intransigente quando quer que seu padrão cosmoético de atuação estenda-se aos outros. Mesmo movida pelas melhores intenções, sua postura é intransigente, não porque não queira ajudar a equipe, mas porque ainda não tem a visão de conjunto suficiente, prevalecendo comportamento egóico. Coloca-se como se o grupo estivesse desrespeitando sua individualidade. Neste caso, vale a pena refletir se essa consciin está em condições de ser esclarecida e, em qual nível de esclarecimento, a fim de que seja auxiliada nas reciclagens pessoais.

Autocorrupção. As omissões podem ocorrer por subestimar-se o nível evolutivo do outro. Outras vezes, ocorrem devido ao medo de se receber o rótulo de chato, individualista, autoritário e inflexível. O fato de não querer representar esse papel inibe atuação que pode gerar estresse positivo no grupo.

Incômodo. Atua-se, normalmente, na “zona de conforto”, e não é agradável quando o outro mostra-nos esta situação. Ocorre incômodo ao se defrontar com a própria realidade consciencial.

Justificativas. Quanto ainda justificamos nossas atuações mediocres por acharmos que estão acima da média patológica do holopense do planeta?

Fuga. O *estupro evolutivo*, na realidade, não existe, mas sim, a tentativa dele. A consciência pode não estar capacitada, naquele momento, para realizar determinado nível de auto-enfrentamento ou então pode estar em processo de fuga. Quando se torna imprescindível o auto-enfrentamento, é comum a desistência.

Auto-exclusão. Quando a consciin sente-se encantoadas diante de auto-enfrentamentos inadiáveis, gerados pela interação grupal, desiste de si mesma, tendendo a abandonar o grupo por não saber lidar com ele, decisão mais fácil e individualista. Acredita que atuar individualmente é melhor do que propor-se a esclarecer e ser esclarecida em grupo, o que promove sua auto-evolução e a evolução grupal.

Dissidência. Existe grande diferença entre persistência e teimosia. É difícil saber a hora de realmente mudar de rota. A dissidência, quando necessária, deve ser em prol do crescimento e amadurecimento dos envolvidos. Se o grupo impede e impossibilita o crescimento pessoal, talvez seja o momento de mudar. Não se acrescenta nada atuando em subnível. E quando não se acrescenta nada ao grupo, nem a si mesmo, possivelmente já é o momento de seguir em direção a novos desafios. Deve-se cuidar, porém, para que este ato não represente fuga do auto-enfrentamento espelhado por essas inter-relações. Quando a atuação ainda faz-se necessária naquele contexto, a dissidência significa a postergação de reconciliações que, provavelmente, já estão atrasadas.

Reconciliação. Quando há a possibilidade de propiciar reflexões mais profundas a outros componentes do grupo e quando a atuação da consciin está ligada à produtividade e a reciclagens pessoais, é possível contribuir muito para o crescimento e fortalecimento do grupo e, com isso, torná-lo apto a atuação mais abrangente, profunda e policármica. O ato de “soltar a corda” neste “cabo de guerra” entre os egos, permite direcionar as energias para atividades mais assistenciais, inclusive dentro do grupo. Parar de realimentar e reforçar esta disputa pode afrouxar os nós destas interprisões grupocármicas e, conseqüentemente, iniciar os processos de reconciliação com aqueles que, apesar dos vínculos negativos, provavelmente há muito trabalho conjunto a realizar.

Interprisão. A interprisão grupocármica é gerada por assistência não realizada, tanto *dentro*, quanto também *pelo* grupo. Se o grupo forma-se para realizar determinado trabalho, mas, por autocorrupção, falta de posicionamento ou divergências egóicas, não consegue desenvolvê-lo, gera interprisão entre seus membros e também com as consciências que, de alguma forma, tenham seus processos evolutivos dificultados, atrasados ou impedidos. “Quando um grupo de consciências (...) comete atos de prejuízo evolutivo a terceiros, cria-se o comprometimento grupal” (Balona, 2003; p. 69).

Senha. Sonegar informações, quando se está apto a fornecê-las, cria vínculos anti-evolutivos com as consciências que precisam receber aquela informação, principalmente quando a consciin é senha delas. Quando se trata de uma atuação coletiva, esse vínculo permanece. “A inseparabilidade (...) grupocármica é justamente a conseqüência e a partilha de responsabilidade pelos erros e maus exemplos cometidos em conjunto no passado (...) A inseparabilidade é fruto do *determinismo evolutivo* (...) A convivência é forçada, imposta pela cosmoética, devido ao acobertamento de erros mútuos no passado” (Balona, 2003; pp. 69, 70).

Policarmalidade. A interprisão no grupo evolutivo permanece até o momento de assistência grupal. No curso intermissivo houve uma programação grupal de atuação. As consciências mais aptas foram aprovadas para realizarem juntas

uma proéxis assistencial e policármica. O compléxis individual dependerá da atuação grupal. A responsabilidade de cada um é estender o olhar para aqueles que não estão conseguindo desempenhar seus papéis e ajudá-los. Os mais experientes agindo como mola propulsora para os menos experientes, ajudando na recuperação de *cons* de cada um do grupo, principalmente no que diz respeito à programação existencial e ao curso intermissivo. A assistência inicia-se dentro do próprio grupo. O olhar assistencial deve ser voltado para quem está mais próximo, o que nem sempre acontece.

Comprometimento. Cada componente deve assumir o seu papel dentro do mecanismo assistencial. A omissão pessoal compromete o trabalho de todo o grupo. Nos momentos de pusilanidade e postergação, a consciin não avalia sua importância como minipeça. A necessidade de assumir e utilizar os atributos ou potencialidades faz parte do comprometimento com a proéxis grupal. Quando o ego das consciins sobrepuja a proéxis grupal, compromete a execução da mesma.

Consenso. Segundo o dicionário Houaiss, consenso significa “concordância de opinião, pensamento ou de sentimento”. Muitas vezes, de maneira patológica, transforma-se em “acordo de cavalheiros” para que sejam evitados conflitos. Evita-se, assim, o conflito explícito, mas ocorre um embate, uma luta silenciosa energética, onde quem se sente derrotado retrocede em seus patopenses. Este antagonismo mudo dificulta o desenvolvimento dos trabalhos, pois, além dos contrafluxos naturais, ocorrem obstáculos dentro da própria equipe que deveria produzir em conjunto.

Concessão. O posicionamento grupal exige abrir mão das visões egóicas em favor da evolução do grupo, sem ressentimentos e mágoas, “vivenciando a condição das cessões mútuas”. Fazer concessão não significa falta de posicionamento, mas sim, flexibilidade para avaliar novas variáveis.

Cosmoética e assistencialidade. Quando as resoluções do grupo são cosmoéticas e priorizam a assistência, são assertivas. Tornam-se assistenciais quando as consciins envolvidas iniciam suas reciclagens pessoais. O cancelamento da mudança é a transformação do padrão energético pessoal. Isso repercute na estrutura do grupo. Uma recin pessoal reverbera na estrutura do todo. Para ocorrer a assistência grupal, é necessária a recin do *ego* grupal, o que somente ocorre a partir da recin pessoal de cada um.

Afinização pensênica. A manutenção da equipe extrafísica ocorre pelo padrão de pensenes das consciências envolvidas. Os companheiros extrafísicos conhecem perfeitamente, de longa data, o padrão pensênico de determinada consciência. Não adianta fazer realizações solidárias e continuar mantendo o padrão de patopenses. Ao ocorrer uma inversão do fluxo pensênico, automaticamente muda-se o *link* multidimensional, saindo da condição de “contaminados” para a de assistentes.

Intencionalidade. Deve-se avaliar constantemente qual a intencionalidade de um posicionamento. Ele é assistencial? Provoca resultados pró-evolutivos?

Fraternismo. A assistencialidade no grupo gera um nível de fraternismo e cumplicidade cosmoética no processo evolutivo individual. Compreendemos os limites do outro com um universalismo acolhedor. A verdadeira assistência acolhe e acrescenta algo a todos, mesmo na ausência aparente de atuação. Ocorre, algumas vezes, de modo silencioso através do exemplarismo e da compreensão quanto à atuação do outro, sem expectativas quanto ao resultado.

Pensamento assistencial. Ter pensamento assistencial requer a superação da pressão holopensênica contrária à evolução e à priorização das atuações assistenciais. Na dúvida, deve-se optar por assistir o maior número possível de consciências (Vieira, 2003). Isso sempre significa “tirar o olhar do próprio umbigo”.

Pressão holopensênica. A higidez pensênica, em momentos cruciais, é um facilitador para suportar a pressão holopensênica.

A CONSCIN ESTÁ SEMPRE PENSENIZANDO, COSMOETICAMENTE OU NÃO.

Chantagem extrafísica. A fim de evitar-se uma assistência, as consciências extrafísicas exercem pressão holopensênica para impedir a atuação da consciin. Isto requer da consciin elevado grau de automotivação e vontade para não ceder à chantagem extrafísica. As consciexes atuam minando o posicionamento pessoal assistencial de alguma consciin

e sustentam-se em um posicionamento anti-cosmoético de outra conscin menos lúcida. Mesmo inconsciente quanto à realidade multidimensional pensênica, esta conscin está sendo anti-cosmoética ao se tornar o agente de sustentação dessa chantagem.

Omissão. A conscin chantageada pode abrir mão de fazer assistência. O medo, por exemplo, de perder ou de dividir o grupo atam o indivíduo, levando-o a atuação não-assistencial. O pior é que, ao perder a oportunidade de assistir, a conscin percebe que as chantagens podem tornar-se realidade justamente pela sua omissão.

Manipulação. Através de *insights* assediadores, as consciexes manipulam a conscin inocente quanto à diferenciação pensênica. Idéias muito lógicas são plantadas no terreno fértil da atuação pusilânime. As ameaças surgem nas inseguranças e medos das conscins que, quando conseguem bancar o desafio, observam que nada de negativo acontece. Eram simples chantagens do assédio.

Higidez pensênica. A dissolução desse padrão doentio somente ocorre quando as conscins envolvidas conseguem reverter o ponteiro da patologia para a higidez pensênica. Através da reflexão e conseqüente compreensão da situação, a conscin deixa de sustentar aquele padrão. Ao perder o agente de sustentação energética, fura-se o campo energético patológico criado pela junção dos patopenses.

Sustentabilidade. Desdramatizar e assumir os riscos são atitudes que dão sustentabilidade para a assistência. Vale questionar-se nestas situações: o que de pior pode acontecer? A análise desta questão elimina a manipulação e encoraja a conscin e o grupo a bancar a atuação.

Sabotagem. A falta de posicionamento e de certeza quanto ao norte da proéxis permitem desvios homéricos através da atuação de consciexes doentias e sabotadoras. A atuação de consréus sabotadoras em um grupo pode significar a perda de um trabalho criteriosamente planejado, que comprometerá a proéxis individual e grupal.

Desestabilização. Com a desestabilização da conscin pelo emocionalismo, existe a possibilidade de minar um trabalho assistencial grupal.

Níveis de assistência. A assistência acontece conforme a capacidade do assistente e a necessidade do assistido, ocorrendo em 3 níveis relacionados em ordem crescente:

1. **Energética:** a consciex parapsicótica pós-dessomática precisa do choque das bioenergias da conscin. Isso é suficiente, para algumas consciências serem resgatadas pelos amparadores.

2. **Esclarecedora:** a consciex recebe o esclarecimento por intermédio das conscins. Estão em um nível de lucidez que permite perceber a realidade intrafísica e, posteriormente, entender sua realidade extrafísica.

Exemplo. Um exemplo prático deste tipo de assistência é o resgate que acontece em salas de aula ou palestras. As conscins comparecem e “levam” as consciexes para receberem as informações. A assistência é realizada com a presença da conscin-aluno, da conscin-docente e da equipe extrafísica de amparadores. Dentro desse contexto, vale enfatizar que os eventos são sempre promovidos para conscins e consciexes. Mesmo que, aparentemente, a priorização seja intrafísica, a principal assistência ocorre para a realidade extrafísica.

3. **Exemplarista:** A assistência em nível mais avançado ocorre a partir do exemplarismo da conscin. Toda assistência é multidimensional e, enquanto não há um olhar assistencial para conscins e consciexes, a assistência é superficial, ficando apenas na *epiderme* do problema. Pelo auto-enfrentamento sadio e reciclagem de posturas é possível atingir um nível assistencial mais profundo e eficaz.

Colaboração. A atuação em Instituições Conscienciocêntricas, muitas vezes, permite ao colaborador permanecer em “zona de conforto” evolutiva. O fato de realizar eventos, pesquisas ou mesmo gestações conscienciais não representa evolução, mas capacidade de trabalho. Pode ser um trafor adquirido em outra existência manifestando-se automimeticamente. Mesmo com alto grau de realização, não ocorre a fundamental reestruturação íntima.

Subnível. Pode-se realizar muito, dedicando-se à colaboração focada na assistência e isso servir como mecanismo de defesa para não se efetuar reciclagens. A partir do uso desfocado de um trafor da consciência, pode ocorrer uma realização até mesmo positiva, porém, sem resultado assistencial efetivo e amplo. Em outras palavras, faz-se muito, mas não se realiza o que é essencial. Representa deslocamento do uso de um trafor para atuação traforista.

Tamponamentos. A proéxis é elaborada com base nos traços pessoais de cada consciência. Não significa necessa-

riamente realizações materiais. Muitos colaboradores usam a própria Conscienciologia para *tamponar* suas proéxis. Usam a colaboração como meio de postergar suas reciclagens pessoais, fundamentais para a assistência.

Assistencialismo. Acalma-se a melin (melancolia intrafísica) e procura-se fugir do auto-enfrentamento fazendo realizações extremamente egóicas através de atividades voluntárias assistencialistas.

Pseudo-assistência. Muitas conscins enganam a si mesmas através da docência e voluntariado. Estes são apenas instrumentos para cumprir proéxis, mas podem servir para postergar reestruturações intraconscienciais.

Comprometimento. Focar a outra consciência nem sempre significa assistir. A verdadeira e mais efetiva assistência requer comprometimento pessoal com as consciências envolvidas. Comprometimento não é simplesmente envolvimento, mas sim exemplarismo. Sair do campo das idéias e da vontade para a teática:

Exemplo. A divulgação e realização de eventos, mesmo tendo o foco no outro, por si só, não é tão significativa assistencialmente quanto uma reciclagem pessoal. Muitas vezes, avaliamos a abrangência da assistência pela quantidade de conscins presentes a determinado evento e não pelas nossas reciclagens pessoais.

Reciclagem intraconsciencial. Uma recin vale por dezenas de atuações intrafísicas assistenciais, mesmo com a intencionalidade focada na tares. Ela provoca, pelo exemplarismo e mudança pensênica, assistência multidimensional, na prática, ampliando a capacidade assistencial da conscin reciclante e, conseqüentemente, mudando de patamar evolutivo.

Salto quântico. Ocorre avanço evolutivo significativo através de uma reciclagem intraconsciencial, que, associada à recuperação de cons, representa um salto quântico.

Holopensene. A extensão do exemplarismo reflete-se na mudança do holopensene do Planeta. Quando se consegue efetivamente mudar posturas, atuar cosmoeticamente vivenciando a Conscienciologia, é fornecida nossa contribuição pessoal para a reurbanização global. A teática ajuda na expansão do conhecimento. Enquanto não houver prática, a docência limita-se à teoria da Conscienciologia. Aula teórica, sem fundamentação nas experiências pessoais, não tem consistência pela falta de teática.

Disponibilidade. Estar disponível é posicionar-se em favor da assistência necessária. É um *salto no escuro*, pois representa concordar com a assistência, mesmo desconhecendo a atuação pessoal. Disponibilizar-se para ser o ator de peça teatral cujo enredo não se conhece. No entanto, apenas querer disponibilizar-se para a assistência e saber como atuar melhor em cada situação não é suficiente. É necessário qualificar-se para isso. Em geral, admira-se a atuação daqueles que já são mais experientes, desejando-se ter esta mesma capacitação, mas sem disponibilizar-se para executar as tarefas iniciais (deseja-se tornar desperto, sem esforçar-se sequer para chegar à condição de amparador). Há, além de imediatismo excessivo, distorção do autoconceito. A realidade consciencial exige que sejam feitas as assistências possíveis como experiências baseadas na tentativa e erro.

Fortalecimento do ego. Com resultado positivo conseguido através da disponibilidade ao amparo, a conscin ganha *costas largas* para bancar novas assistências. Confia mais em suas próprias potencialidades, inclusive na presença constante do amparo nos processos assistenciais.

II. FATUÍSTICA

Evento. Durante a organização de palestra pública, proposta por determinada IC, o grupo de colaboradores de Uberaba posicionou-se de forma contrária à realização do evento, utilizando-se de argumentos lógicos, convencionalmente aceitáveis, por exemplo a falta de tempo hábil e a existência de evento de outra IC na semana seguinte. A palestrante, percebendo a discórdia entre os integrantes do grupo e a atuação multidimensional, optou pela execução da atividade, mesmo sem ter o apoio dos colaboradores locais. Uma voluntária (autora deste artigo), percebendo a atuação extrafísica que promovia a dissonância no grupo, conseguiu levar a equipe à reflexão, resultando em consenso parcial para realização da palestra.

Incoerência. Este fato, aparentemente sem importância, revelou aos pesquisadores como as consciexes minam a atuação pessoal nas pequenas coisas para que não se tornem grandes. Caso o grupo conseguisse atuar em conjunto, eliminasse

seus melindres e mágoas advindas do histórico pluriexistencial, aumentaria sua capacidade assistencial. Porém, quando no início do processo já ocorre a sabotagem, o ego sobrepuja a policarmalidade e o grupo retroalimenta sua interpressão por sonegar a assistência. Verifica-se incoerência entre o que se propõe e o que efetivamente se realiza. O grupo formou-se para atuar no voluntariado com o objetivo assistencial, mas coloca obstáculos na realização de eventos esclarecedores.

Assistência. Não se percebe que o evento é apenas *pano de fundo* para criar situações de inter-relações grupais que requerem reciclagens pessoais e que propiciariam a assistência multidimensional.

CONCLUSÃO

Posicionamento. Em geral, nos momentos de dúvida, em que a tomada de decisão é iminente, o que é preciso ser feito é justamente o que está gerando o medo de se posicionar. As consciences tentam fazer a manipulação por sentirem-se encantoadas e temerosas. Compreender o medo e a queixa delas e focar na assistência multidimensional é o início do processo assistencial. Não ceder à chantagem extrafísica permite à consciin perceber e realizar a assistência necessária, o que ocorre na proporção de sua capacidade assistencial.

Amparador intrafísico. A disponibilidade efetiva significa atuar *ombro a ombro* com os amparadores. Quando se fala desta atuação, não se pensa em estar no mesmo nível evolutivo deles, nem mesmo em assumir o comprometimento que isso requer. O grande desafio das consciências intrafísicas aspirantes a atuar no processo assistencial é assumirem seus papéis de amparadores intrafísicos, que é de se preocupar sinceramente com o outro, respeitar os limites individuais, fazer as intervenções necessárias, sem tamponar as crises alheias, nem tentar fazer estupro evolutivo. Discernimento, serenidade e fraternismo levados ao extremo e, principalmente, respeito cosmoético aos assistidos.

O principal posicionamento pessoal assistencial é assumir TEATICAMENTE a postura de amparador intrafísico.

REFERÊNCIAS

01. Azevedo, Domingos; *Grande Dicionário de Português - Francês*; Ed. Bertrand; 1988; 8ª edição; Venda Nova.
02. Balona, Málu; *Autocura Através da Reconciliação: um Estudo Prático sobre a Afetividade*; 342 p.; 11 caps.; 7 ilus.; 1 microbiografia; 1 foto; 10 graf.; 2 tabs.; 1 esquema. 1 teste; 19 técnicas; 11 questionários; 38 enus.; 265 refs.; 2 apends.; ono.; 21 x 14 cm; br.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia – IIPC; Rio de Janeiro, RJ; Brasil; 2003.
03. Houaiss, Antônio; *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*; Versão 1.0; Ed. Objetiva; Brasil; 2001.
04. Machado, Alessandro; *Autoposicionamento e Posicionamento Grupal: A teática do respeito*; Anais da 3ª Jornada de Saúde da Consciência; Organização Internacional de Consciencioterapia – OIC; Foz do Iguaçu, PR; Brasil; 2003; pg 149-158.
05. Vieira, Waldo; *Homo sapiens reurbanisatus*; Tratado; 1.584 p.; 479 caps.; 40 ilus.; 1 microbiografia; glos. 241 termos; 1 foto; 25 tabs.; 519 enus.; 139 abrevs.; 7.653 refs.; geo.; ono.; alf.; 28,5 x 22 x 7 cm; enc.; Centro de Altos Estudos da Conscienciologia – CEAEC; Foz do Iguaçu, PR; Brasil; 2003.
06. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*; Ed. Nova Fronteira; 2ª ed. revisada e aumentada; 31ª impressão; 1986.
07. *Micro Robert Dictionnaire du Français Primordial* – 1971, Le Robert (S.N.L.).
08. Burtin, S.; *Dicionário de Francês – Vinholes*; Ed. Globo; 38ª edição.
09. *Cambridge International Dictionary of English*; Cambridge University Press, 1995.

ANOTAÇÕES PESSOAIS

01. *Curso Autoconscientização Pluriexistencial – APL*; Módulo IV; 2005; Venda Nova do Imigrante, ES; Associação Internacional para a Evolução da Consciência – ARACE.
02. *Curso Pilares do Parapsiquismo*; 2003; Foz do Iguaçu, PR; Centro de Altos Estudos da Conscienciologia – CEAEC.